



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

EVERTON DAVID SANTOS DE SOUZA

**O QUE PERMANECE COMIGO:
RELATÓRIO DE EXPOSIÇÃO**

**CAMPINA GRANDE - PB
2014**

EVERTON DAVID SANTOS DE SOUZA

**O QUE PERMANECE COMIGO:
RELATÓRIO DE EXPOSIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Ms^a Agda Patrícia Pontes de Aquino

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729q Souza, Everton David Santos de
O que permanece comigo [manuscrito] : relatório de
exposição / Everton David Santos de Souza. - 2014.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Agda Patrícia Pontes de Aquino,
Departamento de Comunicação Social".

1. Comunicação. 2. Artes visuais. 3. Memória. 4.
Sentimento. I. Título.

21. ed. CDD 707

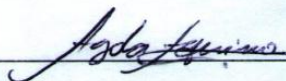
EVERTON DAVID SANTOS DE SOUZA

**O QUE PERMANECE COMIGO:
RELATÓRIO DE EXPOSIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Aprovado em: 27/ 11/ 14

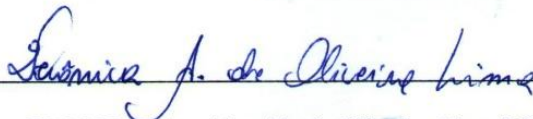
BANCA EXAMINADORA



Profª Msª Agda Patrícia Pontes de Aquino/UEPB-UFPB
Orientadora



Profº Drº Robson Xavier da Costa/UFPB-UFPE
Examinador



Profª Msª Verônica Almeida de Oliveira Lima/UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sabedoria, por me permitir ter persistência nos momentos difíceis, sem deixar que eu desanimasse. Meus pais, minhas irmãs e toda minha família pelo apoio durante toda minha trajetória desde o vestibular até a conclusão da graduação, e o apoio na minha carreira artística, sem eles nada disso seria possível. A minha orientadora Agda Aquino, a coisinha mais fofa do Decom, que apoiou essa “pirração” desde os primórdios. Aos professores Robson Xavier e Verônica Oliveira, que aceitaram avaliar meu trabalho. Aos meus amigos de infância Saulo Eleutério, Alex Eleutério, Gerson Júnior, Hetlon Rubens, José Ibiapino, Rodrigo Silva e Marcelo Xavier que me trazem boas lembranças dos tempos de criança. Aos que não são de infância, mas, fazem recordar bons momentos na minha cidade, Rosilene Bezerra, Patrícia Bezerra, Verônica Souza, Ediane Santos, Tatiane Miranda, Julia Medeiros, Grigorio Souto, Jefferson Marcelo e Tayse Moraes. As novas amizades que ganhei na cidade de Campina Grande. Para cada um que apoiou a realização deste trabalho. Alênicon Souza, que não me deixou desistir da ideia mesmo com pouca grana pra realizar, e que também contribuiu muito no processo de produção e execução de cada obra, correndo atrás dos materiais junto comigo. Agradeço a compreensão e o apoio dos meninos do “Ap. 04”, Léo Guilherme, Sérgio Dantas, Felipe Mello, Wellington Souza e Alênicon Souza por cederem o espaço para que eu pudesse usar como ateliê improvisado, bem como guardar as obras, pelo incomodo do cheiro de cola e tinta durante tanto tempo, (hahah). Aos colegas de trabalho (estágio) do Sesc centro, Elissama Barreto, Burno Pacelly, Mirian Silveira, Niedja Espínola, Vanessa Portugal, Ranayana Almeida, Jeani Silva, Lizandra Alcantara, Jéssica Lucena, Mara Chayanne e o coordenador Alvaro Fernandes que me deram uma grande força fazendo uma rifa para que eu pudesse emoldurar todas as obras. Agradeço por todos aqueles que contribuíram com a rifa. Ao diretor do Museu, Angelo Rafael por abrir as portas do museu para um jovem artista e por apoiar a ideia. Bem como a força que cada funcionário do MAC, desde os preparativos até a finalização da montagem. Agradeço também aos colegas de curso Ivan Andrey e Rayane Brito pelo registro fotográfico e Flaw Mendes na finalização da montagem da exposição. Ao apoio de Eliane da Atual Bureau Digital por nos ceder o adesivo para a exposição. A Charles Delano e Emanuely Kênia da Art 7 Molduraria pelo apoio e por me aguentarem toda a tarde enchendo o saco para baixar o preço do serviço de emolduramento das obras. O apoio de Léo e Aida da Kromme na ampliação fotográfica e pela qualidade dos serviços prestados. Aos professores do Decom Adriana Alves, Fernando Firmino, Socorro Palitó, Livia Cirne, Ingrid Fachine, Antônio Simões, Luiz Adriano, Luiz

Custódio, Dal Pian, Cidoval Moraes, Michele Wadja, Claudeci Ribeiro, Emerson Saraiva, Clea Gurjão, Cássia Lobão, Moises Araújo, Luiz Aguiar, Léo Alves, Ana Sávia, Rômulo Azevedo, Carlos Barros, Roberto Faustino, Robéria Nádia, Gisele Sampaio, Hipólito Lucena, e em especial a professora Goretti Sampaio com quem dividi por dois anos uma belíssima pesquisa de Pibic sobre as memórias da radiofonia campinense, projeto esse que só fez acrescentar na minha carreira. A todos os funcionários e técnicos dos laboratórios do Decom. Aos meus colegas Diogo Almeida e Priscila Moura pela grande amizade que formamos durante o curso, parceria e companherismo. A turma 2010.1 Leila Epaminondas, Eveline Gonçalves, Josivan Kaim, Lucineide Farias, Mara Chayanne, Samara Fernandes, Isabele Rakel, Roberta Lucena, Elisvan Borges, Janilton Rocha, Cleryston Araújo, Natália Maurício, Leandro Targino “pigmeu”, Marcondes Juruna, Goretti Dionísio, Walysson Mello e Erick Rodrigo que apesar das brigas e as discussões nos tornamos muito amigos. As agregadas da turma Kalyenne Antero e Mayara Medeiros (hahaha) que entraram pra trupe no meio do caminho. Um agradecimento especial aos *Forever Young's* Adriana Nascimento (amoo muito), Ana Cláudia, Bismarck Viana, Lourival Salviano, Natacha Cabete, Kiara Duarte e em especial Skarllety Fernandes (grande companheira dos “paranauês” da vida, hahaha) que me proporcionaram momentos incríveis nesta cidade. Agradeço também aqueles que de alguma forma inspiram meu trabalho. Me Desculpe aqui se por ventura tenha esquecido alguém, espero que entenda que não foi de propósito, é só que tem muita gente para lembrar, e o sufoco desses dias que anteciparam a conclusão deste trabalho foi grande. Enfim, obrigado a todos por tudo.

Crescer é algo muito rápido. Um dia você usa fraldas e no outro você vai embora. Mas as memórias da infância permanecem com você. Lembro-me de um lugar, uma cidade, uma casa como várias outras casas, um quintal como vários outros quintais, em uma rua como várias outras ruas. E o fato é que, após todos estes anos, eu ainda olho para trás e penso: "foram anos incríveis" The Wonder Years.

RESUMO

Entendendo a arte como comunicação e a produção contemporânea como um campo de discussão, a exposição *O que permanece comigo* apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso, se apropria das linguagens das artes visuais para estabelecer uma mensagem entre a arte e o público. Ela nos faz mergulhar numa poética de memórias autobiográfica de infâncias permeadas por simbolismos e sentimentos. Fazendo emergir de documentos pessoais lembranças particulares, hora tonalizadas numa aquarela azul sobre uma fotografia, hora através de colagens e objetos eletrônicos que dão cores e formas ao passado. Este relatório traz a fundamentação teórica que embasou a pesquisa para a construção do trabalho, bem como o detalhamento técnico das etapas de criação, produção e finalização da exposição, compondo assim um documento detalhado de todo o processo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Artes Visuais. Memória. Sentimento.

ABSTRACT

Understanding art as communication and contemporary art as a field of discussion, the exhibition "*What stays with me*" presented as Final Paper, appropriates the language of the visual arts to establish a message between art and the public. It immerses us into a poetic of autobiographical memories of a childhood full of symbolism and feelings. Bringing to the surface personal documents, private memories, sometimes tinted blue in watercolor on a photograph, sometimes as collages and sometimes through electronic objects that give color and form to the past. This report provides the theoretical foundation that based the survey for the construction work, as well as the technical details of the stages of creation, production and completion of exhibition, composing a detailed document of the whole process.

KEYWORDS: Communication. Visual Arts. Memory. Feeling.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Borrão de sangue e coisas ruins #7 2013 papel vegetal	18
Figura 2 - Borrão de sangue e coisas ruins #3 2013 Tecido chifon suspenso por alfinetes	18
Figura 3 - Diário do borrão de sangue e coisas ruins 2014 Capa e costura em couro, revestimento veludo preto, páginas em papel vegetal	18
Figura 4 - Cores e 'sin colores' #1 2013 Papel endura sobre foamboard	19
Figura 5 - Cores e 'sin colores' #4 2013 Papel endura sobre foamboard	19
Figura 6 - Cores e 'sin colores' #7 2014 Papel endura sobre foamboard	20
Figura 7 - Cores e 'sin colores' #5 2014 Papel endura sobre foamboard	20
Figura 8 - Aerobiose #4 2014 Tecido canvas sobre chassis de tela	21
Figura 9 - Aerobiose #1 2014 Tecido canvas sobre chassis de tela	21
Figura 10 - Aerobiose #7 2014 Tecido canvas sobre chassis de tela	21
Figura 11 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito	24
Figura 12 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito	24
Figura 13 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito	25
Figura 14 - Processo de produção da obra Pokebola #2	26
Figura 15 - Pokebola #4 2014 Pintura e recortes de papel com guache + miniaturas de brinquedos sobre papel canson	27
Figura 16 - Pokebola #1 2014 Pintura e recortes de papel com guache + miniaturas de brinquedos sobre papel canson	27
Figura 17 - Processo de produção da Obra Racing car	28
Figura 18 - Processo de produção da obra Tetris	28
Figura 19 - Tetris 2014 Desenho com grafite e giz de cera sobre papel canson	29
Figura 20 - Racing car 2014 Desenho com grafite e giz de cera sobre papel canson	29
Figura 21 - Processo de produção do objeto Balde da instalação Fish	30
Figura 22 - Processo de produção do objeto Anzol da instalação Fish	30
Figura 23 - Detalhe 3 da instalação Fish (isca)	31
Figura 24 - Fish 2014 Instalação (vista da exposição)	31
Figura 25 - Detalhe 2 da instalação Fish (isca)	31
Figura 26 - Detalhe 1 da instalação Fish (balde)	31
Figura 27 - detalhe 2 do processo de produção da obra Arquivador de emoções	32
Figura 28 - Detalhe 1 do processo de produção da obra Arquivador de emoções	32
Figura 29 - Arquivador de emoções 2014 Colagem de revistas em quadrinhos sobre arquivo + pertences pessoais dentro das gavetas e fragrância de lavanda	33

Figura 30 - Detalhe interno da obra Arquivador de emoções	33
Figura 31 - Detalhe externo da obra Arquivador de emoções.....	33
Figura 32 - Detalhe 1 da processo de produção da obra TV em "quadlinhos"	35
Figura 33 - Detalhe 2 da processo de produção da obra TV em "quadlinhos"	35
Figura 34 - TV em "quadlinhos" 2014 Objeto, colagem de revistas em quadrinho sobre TV modelo anos 1990	35
Figura 35 – Processo de produção da obra Memórias aguadas #01, aquarela digitalizada	37
Figura 36 - Processo de produção da obra Memórias aguadas #01, manipulação digital	37
Figura 37 - Memórias aguadas #4 2014 Impressão em Hahnemühle Matt.....	37
Figura 38 - Memórias aguadas #3 2014 Impressão em Hahnemühle Matt.....	38
Figura 39 - Texto de curadoria Agda Aquino	42
Figura 40 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito.....	43
Figura 41 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito.....	43
Figura 42 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito.....	44
Figura 43 - Montagem da exposição Foto Rayane Brito.....	44
Figura 44 - Folder da exposição, detalhe externo Arte Elissama Barreto e Everton David.....	45
Figura 45 - Folder da exposição, detalhe interno Arte Elissama Barreto e Everton David	46
Figura 46 - Flyer de divulgação Arte Elissama Barreto e Everton David	46
Figura 47 - Croqui da obra Fish	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ARTE E COMUNICAÇÃO.....	12
2.1. AS FUNÇÕES DA ARTE PARA A SOCIEDADE E A COMUNICAÇÃO	14
2.2. A MENSAGEM NAS ARTES VISUAIS	15
3. O SUBSÍDIO PARA UMA POÉTICA, MEMÓRIA E SENTIMENTO	16
4. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA EXPOSIÇÃO	23
5. DETALHAMENTO DAS OBRAS	25
5.1. POKEBOLAS	25
5.2. TETRIS & RANCING CAR	27
5.3. <i>FISH</i>	29
5.4. ARQUIVADOR DE EMOÇÕES	31
5.5. TV EM “QUADLINHOS”	33
5.6. MEMÓRIAS AGUADAS	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	39
OUTRAS REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS	41
RELEASE DA EXPOSIÇÃO.....	41
TEXTOS DE CURADORIA	42
APÊNDICES	45

1. INTRODUÇÃO

No contexto da interdisciplinaridade, um trabalho de conclusão de curso pode tomar diversas vertentes. Unir comunicação e arte não é difícil, é como se uma fosse parte do processo da outra, e vice-versa. Sendo a arte uma forma de comunicação e o ato de comunicar, uma arte. Indissociáveis, intrínsecas. O que se deseja com esse trabalho é discutir o processo de produção artística contemporânea, associado às teorias que fundamentam a arte enquanto expressão comunicacional, bem como a poética que rege o trabalho nas artes visuais contemporâneas. Por se tratar de um trabalho em que a teoria e prática se aliam, no percurso deste, observaremos como a arte parte da ideia de um princípio de comunicação, quais as funções que ela exerce para a sociedade, e como se caracteriza a mensagem nas artes visuais.

Associamos esse estudo com a produção de uma exposição intitulada *O que permanece comigo*. A ideia de trabalhar com o produto midiático no Trabalho de Conclusão de Curso vem desde o ano de 2013. Por desenvolver trabalhos na área de artes visuais sentia um desejo de produzir algo que englobasse comunicação e artes. Agregamos, assim, minha trajetória nas artes visuais durante a graduação em comunicação social e apresentamos um breve comentário sobre a persistência poética ligada a memória e os sentimentos.

Ainda timidamente, no início de 2014, discutimos a possibilidade de se fazer a exposição. Partimos para um projeto, o foco seria o pressuposto de que a arte é uma forma de comunicação, fechando assim, a relação de ambas as áreas. Em seguida definimos como tema norteador as memórias de infância e o sentimento de saudade. Realizamos pesquisas de caráter documental no âmbito familiar a fim de coletar informações, dados e materiais que poderiam servir no processo criativo e de produção das obras para a exposição.

Neste relatório priorizamos as etapas do estudo teórico descritos acima, bem como o processo de planejamento e execução da exposição, além de um detalhamento técnico e teórico do processo artístico de cada obra criada. *O que permanece comigo* retrata recortes de memória e lembranças da infância vivida nos anos 1990. São séries de pinturas, desenhos, instalações, objetos, fotografias e *assemblages* que transmitem todo o sentimentalismo saudosista que ficou daquela época.

2. ARTE E COMUNICAÇÃO

A arte nasce de novo em cada um de nós. A Criatura experimenta a sedução de ser também criador. Alguma Coisa há de sair de suas mãos, de sua voz, dos movimentos, dos gestos. Alguma coisa, que traduza uma intenção de beleza, uma forma, uma expressão, um traço de caráter, uma contribuição ao enriquecimento da existência. (A Razão da Arte por Celso Kelly)

O que seria da história da humanidade sem a comunicação? E o que poderíamos saber sobre nossos antepassados sem a arte? Dessa premissa nos debruçamos sobre a importância da comunicação para o avanço da sociedade. Paralelo a isso, pensamos a arte como a forma comunicacional de grande relevância para o progresso humano. Por necessidade de sobrevivência o homem vive em sociedade. Para a manutenção da mesma é imprescindível que haja comunicação, e é assim desde a pré-história. A princípio o que podemos chamar de primeiros agrupamentos humanos entendiam-se por gritos e gestos que indicavam a comunicação entre eles, mais tarde com o desenvolvimento da espécie e da necessidade de melhor compreensão do outro, a linguagem foi tornando-se mais sofisticada até nascer à palavra que por sua vez passou a nomear as coisas que os cercavam.

A fala foi passo inicial itinerário impressionante. Misteriosa quanto a suas origens, que reconstituímos apenas por meio de conjecturas, ela permitiu a eficiente transmissão de conhecimentos de uma geração para outra, fazendo surgir grupos humanos homogeneizados por acervo cultural comum e assegurando, assim, as raízes iniciais de todas as culturas. (COSTELLA, 2002, p. 14)

O *boom* da história da escrita, ou melhor, o que marca esta invenção com mais de cinco mil anos de existência é o desenvolvimento da pictografia. “A escrita pictográfica constituiu-se na representação desenhada de objetos concretos, figuras de animais, etc., formando, em sucessão, um relato coerente” (COSTELLA, 2002, p. 14). Essas reproduções de cenas do cotidiano da pré-história caracterizam-se não só como o desenvolvimento da escrita, mas também como as primeiras manifestações artísticas da história. Os documentos históricos desses povos primitivos nos presenteadam com variações de beleza e técnica em traços de uma cultura extinta, mas ainda viva através de sua arte.

Dos períodos mais remotos – aquela pré-história indefinida, vaga, romântica, intensamente pesquisada, em busca de uma interpretação futura do passado, tão distante – ficaram os documentos de sua arte. Não serviram apenas ao diálogo entre os de então: continuam a comunicar, tantos milênios transcorridos, a gerações que se sucedem na natural curiosidade sobre os antecedentes históricos. (KELLY, 1972, p. 23)

O emprego da palavra é a forma mais convencional de comunicação, embora ela encontre na linguagem seu ápice por retirar dessas as mais diversas contribuições semânticas e conotações estéticas amplas para se fazer o entendimento da mensagem. Mas, os homens também se comunicam por gestos e outras muitas e variadas maneiras. A linguagem talvez seja a expressão que define a comunicação, no entanto não é a única, muito menos a mais importante e rica. O instrumento de comunicação de um povo é a língua. Para a arte não é diferente, se afigurando para cada época a linguagem natural, absolutamente autêntica e legítima (KELLY, 1972, p. 11). Vale salientar também que a arte como forma de comunicação, consegue ampliar-se ainda mais que a palavra e a linguagem e comunicar sem o uso dessas formas tradicionais.

Qualquer que seja a forma de arte ocorre comunicação: a mensagem se transfere. Entre a obra e o espectador, prossegue o colóquio humano. Há obras que se contemplam; outras que intrigam. Numa ou noutra hipótese, volta-se à peça. Existe sempre algo a mais para a percepção. (KELLY, 1972, p. 14)

A arte enquanto comunicação assume finalidade de não só passar apenas uma mensagem, emitir pensamentos, ideias, desejos e anseios. “Podem ser imediatas e práticas, tendo a ver com questões triviais da vida cotidiana, ou podem estar voltadas para necessidades mais elevadas de auto-expressão de um estado de espírito ou de uma ideia” (DONDIS, 1997, p. 183). Muitas vezes com técnicas e plataformas nada convencionais, com especificações próprias de sua linguagem. Ela evoca signos e códigos diferenciados na transmissão da mensagem. “Dentre essas especificações encontra-se, a mais forte delas: a mensagem imagética permeada de significação plástica (no caso das artes visuais)”, (FORTUNA, 1998, p. 10). Ao contrário do texto jornalístico, a arte não tem obrigação de representar com fidelidade a realidade. Portanto ela parte do pressuposto de ser um intermédio estético entre o comunicador e o receptor.

“Num sentido mais estrito, a comunicação é a transmissão de qualquer estímulo de um ponto a outro” (MELLO *apud* HOHLFELDT, 2003, p. 56). Mas, os autores da Escola de Palo Alto explicam que todo comportamento é considerado comunicação – tudo que se diz, e até o que não se diz, comunica. “[...] uma vez aceito todo o comportamento como comunicação, não estaremos lidando com uma unidade de mensagem monofônica, mas com um complexo fluido e multifacetado de numerosos modos de comportamento – verbais, tonais, posturais, contextuais etc” (WATZLAWICK et al., 2005, p. 46). Além disso, os autores dividem a comunicação em duas: digital e analógica. De forma simplificada, comunicação digital é entendida como a comunicação em forma de linguagem convencional – a verbal, ou seja, oral

e escrita, e a comunicação analógica que seria toda comunicação não-verbal, podendo ser sons, e todos os meios visuais. As artes visuais transitam pelos dois meios, e num sentido amplo abrange toda a forma de representação visual. Inserido nesse contexto a comunicação nas artes visuais possuem diversos elementos que possibilitam através da mistura de técnicas de composição visual e criação, o ato de comunicar.

2.1. AS FUNÇÕES DA ARTE PARA A SOCIEDADE E A COMUNICAÇÃO

Mesmo que de maneira impactante de primeira vista ou de forma contemporizada, lenta e demorada, a criação artística necessita transferir ao espectador ao contempla-la uma inquietude pessoal, abrindo um dialogo entre a mensagem e o receptor. Ainda nas funções da arte na sociedade se situa a exteriorização a fé e a educação, oferecendo condições de culto em todas as épocas da história das artes. Do Barroco até a oratória sacra, testemunhamos assim a impressionante capacidade de comunicação dos homens, e não somente entre si, mas também com o sobrenatural. E de igual modo para a educação. Atribuindo, apurando, sensibilizando e contribuindo para a sociabilidade humana (KELLY, 1972, p. 17).

As artes estão integradas na cultura comunicacional da sociedade. Celso Kelly (1972), que defende inúmeras as funções da arte, aponta três como as principais para a comunicação, as quais seriam as funções: criativa, lúdica e comunicativa.

Cada artista tem em si uma inquietação própria. Daí surge o poder da criação, a necessidade de formular e externar os fatores que atravessam seus pensamentos. Nasce assim sua comunicação através de arte. A criatividade fornece condições e o resultado, a criação, suavizam a conflito suspenso sobre o individuo, caracterizando-se, assim, a função criativa da arte para a comunicação.

A função lúdica responde pelo processo de concepção, em que o artista absorve as manifestações, reconstruindo através de suas motivações sua comunicação artística. Criando um mundo próprio, uma alternativa material e imaterial desdobrada de sua reflexão.

Como já foi aqui ressaltado, a arte é uma linguagem, embora com características próprias. A arte é capaz de proporcionar comunicação em níveis e compassos diferentes, bem como assimilações diversas. E para explicar a função comunicativa da arte, Celso Kelly exemplifica falando sobre a pintura:

A arte acadêmica gramaticou-se, muito à semelhança dos idiomas, disciplinados segundo regras e cânones. Coincide com a figuração comum, com o realismo vulgar, e daí alcança uma comunicabilidade total e imediata: corresponde a um impacto, que transfere, de ponto, a mensagem. Já as outras tendências, desde o expressionismo até ao abstrato, oferecem larga margem de signos peculiares – caminhos de sugestão ao espírito imaginativo do leitor. Destinam-se a um público indeterminado, atingindo certas parcelas, conforme as afinidades entre a obra de arte e o consumidor. (KELLY, 1972, p.60)

A arte tem seu êxito enquanto comunicação quando ocorre sua receptividade, pois assim estabelece uma relação entre comunicador e receptor, consagrando e autenticando a arte enquanto mensagem. “Desta forma, a criação artística é vista como exercício que orienta a criação concepção de novos modos de vida. Logo, a arte deve ser entendida em sua dimensão poética e micropolítica da comunicação como processo relacional” (QUEIROZ, 2008, p. 152).

2.2. A MENSAGEM NAS ARTES VISUAIS

A obra de arte, não importa o nível de habilidade aplicado ou a forma visual de criação, tem como capacidade prodigiosa o ato de informar o observador sobre si mesmo e seu próprio mundo, ou ainda sobre tempos e lugares, distantes e desconhecidos. (DONDIS, 1997, p. 184)

Os dados visuais podem transmitir informações: mensagens específicas ou sentimentos expressivos, tanto intencionalmente, com um objetivo definido, quanto obliquamente, como um subproduto da utilidade. Uma coisa é certa: no universo dos meios de comunicação visual, inclusive as formas mais casuais e secundárias, algum tipo de informação está presente, tenha ela recebido uma configuração artística, ou seja, ela resultado de uma produção casual (DONDIS, 1978, p. 183).

Sabemos que uma mensagem ao ser transmitida modifica-se no decorrer de sua circulação. Isso acontece, pois, toda a técnica de veiculação altera a mensagem devido às condições de comunicação. “A reportagem de uma partida de futebol explode no rádio como uma tempestade para levantar o entusiasmo do ouvinte cego; na televisão a imagem supera a palavra” (BERGER, 1978, p. 126). Para a arte não é diferente, ela parte da ideia de ruptura, sendo assim, nas artes visuais, tanto o artista como a obra muitas vezes rompem com as técnicas de transmissão convencionais.

Ao contrário do que imaginamos, a escrita jamais foi um mero registro dos fatos. Assim também a pintura não é, e nunca foi, o registro da realidade tal como se vê ou como se crê vê-la. Em cada época nascem aspirações que, emancipando as mensagens de seu padrão, propõem-nos sistemas de emissão e sistemas de transmissão novos que constroem o real. (BERGER, 1978, p. 127)

De forma direta, a mensagem transmitida numa obra de arte visual contracenana com nossa capacidade de visão, e é esse o primeiro contato, o mais puro e desprezioso. O dialogo provocado entre a obra e o público gera quase que instantaneamente a aceitação ou rejeição no que se refere à estética do trabalho. Embora, seja qual for o julgamento estético do receptor, a obra não deixa de transmitir a comunicação, revelando os elementos significativos e/ou comunicacionais inerentes.

É necessário render-se à evidência: a obra de arte jamais está sujeita a uma simples decifração, e nem pode ser, uma mensagem cifrada. A obra propõe ao receptor que ponha em questão as condições da própria recepção. Sua técnica e sua forma contribuem para criar o conteúdo. Todo receptor, por mais sábio que seja, que ignore ou não reconheça essa condição, pode estar certo de que só receberá uma parte da mensagem e de que a receberá mutilada na sua qualidade intrínseca. (BERGER, 1978, p.129)

Também vale considerar que para a arte moderna e contemporânea a mensagem nas artes visuais também pode transferir-se por meio dos sentidos. Podemos citar as instalações, no qual os autores além de estimular os sentidos humanos, buscam interagir com o público, quebrando assim, o velho conceito de que arte não foi feita para ser tocada. Nesse sentido, busca-se por intermédio da obra de arte que o receptor adentre num universo particular e intimo, sendo unicamente para cada pessoa uma experiência individualizada.

3. O SUBSÍDIO PARA UMA POÉTICA, MEMÓRIA E SENTIMENTO

A atualidade tem sido um desafio no que diz respeito à preservação da memória. A cultura das novas mídias desgasta e provoca uma falsa sensação de fixação. O motivo é que cada vez mais vivemos numa sociedade de informações instantâneas, e é difícil absorver todo esse conhecimento. “As duas principais funções da memória são a de ordenação, releitura de vestígios e a de construção/reconstrução da realidade” (MARTINEZ, 2003, p. 801) Em um sentido popular podemos entender a memória como toda a informação arquivada em nossa mente, lembranças existentes na consciência humana. “A memória, portanto, tem seus graus sucessivos e distintos de tensão ou de vitalidade, difíceis de definir, certamente, mas que o pintor da alma não pode misturar entre si impunemente” (BÉRGSON, 1999, p. 54). Para Henri Bérqson, podemos considerar dois tipos de memória, uma faz referência aos sonhos, sendo essas, poética, pura matéria do inconsciente fora do controle humano. Já a segunda, ele descreve como a lembrança, matéria memorizada repetidamente que vêm a tornar-se lembrança exteriorizada.

A memória, condição básica de nossa humanidade, tornou-se uma das grandes molduras da produção artística contemporânea, sobretudo a partir dos anos 1990. Nesse momento, proliferam obras de arte que propõem regimes de percepção que suspendem e prolongam o tempo, atribuindo-lhe densidade, agindo como uma forma de resistência à fugacidade que teima em nos situar num espaço de fosforescência, de uma semiamnésia gerada pelo excesso de estímulos e de informações diárias. (CANTON, 2013, p. 21)

Como artista visual desenvolvíamos trabalhos na poética da memória e dos sentimentos buscando sempre investigar de que forma as experiências vividas relacionam-se no cotidiano. Tentando desvendar os efeitos místicos e dinâmicos que essas afetações de sentimentos exercem sobre minha personalidade ou daqueles que me cercam. Próximo do que Walter Benjamin já explicava nos anos de 1930, meu trabalho desenvolve-se numa perspectiva de transmissão da experiência pessoal. Benjamin chama de “Perda ou declínio da experiência”, e explica o termo em dois ensaios intitulados de “Experiência e pobreza” e “O Narrador”, onde esquematiza a ideia de uma tradição de uma memória compartilhada pela humanidade, fazendo referência ao ato da história oral.

Nas sociedades sem escrita, a memória era eminentemente coletiva, ordenando-se por três interesses: mitos de origem, prestígio das famílias dominantes e transmissão de saber técnico, como as fórmulas ligadas à magia religiosa (MARTINEZ *apud* LEGOFF, 2003, p. 801).

“É possível perceber a memória de um dado indivíduo a partir de sua autobiografia. Muitos são os artistas, na contemporaneidade, que se alimentam da memória física e psíquica para a construção de sua poética”, (LISBOA, 2007, p. 17). Não distante do que Benjamin e Lisboa colocam, o meu trabalho e de muitos outros artistas que adotam a memória como poética, busca passar a história adiante, através de obras de arte que expressam experiências individuais, coletivas e/ou particulares mantendo, pulsante a memória por meio de arte. Para (CANTON, 2013, p. 28) “O próprio narrador, que pode ser vivido sob a figura do artista e criador, deveria, pois, transmitir o que a tradição oficial ou dominante não recorda”.

Se por um lado, a memória é entendida como instância de conservação e transmissão dos textos e das linguagens, do outro lado, ela também funciona como lugar de geração de novas tessituras, ao promover a construção de inusitados arranjos compositivos no intenso diálogo entre sistemas de signos. (NAKAGAW, 2003, p. 804)

Na condição de artista que conceitua a produção debruçando-se sobre as memórias, um tema bastante recorrente nos trabalhos desenvolvidos, são os sentimentos. A série *Borrão*

*de sangue e coisas ruins*¹ de 2013-2014 tem por base a memória psíquica descrita na obra de Bérghson. Neste trabalho, busquei no fundo do inconsciente dos sonhos subsídios para fomentar os sentimentos ruins que me perseguiram através de pesadelos. Como uma compilação de sonhos, a série que nos seus primórdios era apenas um caderninho na cabeceira da cama, revelou-se um universo particular, abstrato e surreal de um campo pouco explorado, a mente humana. Adentrando no profundo do inconsciente e das lembranças, agora transpostas para o campo visual, retratando figuras desproporcionais, sombras e texturas enigmáticas de maneira monocromática em preto, branco e escalas de cinza, bem como, tons encarnados cobertos de granulados sanguinários. São 15 obras entre fotografias, instalações, objetos e textos que compõem e retratam um momento pessoal e íntimo de perturbação sentimental durante os sonhos.



Figura 2 - Borrão de sangue e coisas ruins #3 | 2013 | Tecido chifon suspenso por alfinetes

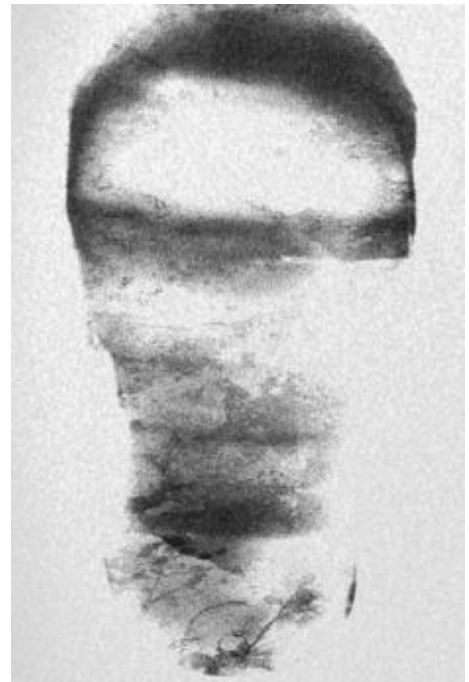


Figura 1 - Borrão de sangue e coisas ruins #7 | 2013 | papel vegetal



Figura 3 - Diário do borrão de sangue e coisas ruins | 2014 | Capa e costura em couro, revestimento veludo preto, páginas em papel vegetal

¹ Borrão de sangue e coisas ruins 2013- 2014

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.525238940905877.1073741834.463320180431087&type=3>

Já na série *Cores e “sin colores” em (des)perfeita simetria*², exposta no Salão da Fotografia da Galeria Consigo em São Paulo – SP, exibo um corpo marcado pela dor de uma longa e demorada cura de um amor mal resolvido. A intenção era exorcizar as lembranças e sentimentos que insistiam em não deixar-me seguir em frente. Para compor esse trabalho, fiz uma intensa pesquisa no acervo fotográfico pessoal da época do relacionamento. Ao invés de rasgar essas fotos elas foram usadas na manipulação digital de sobreposição fotográfica. Os lugares em que fomos juntos tornaram-se um plano de fundo para os autorretratos expressivos e sentimentais, compondo, assim, corpos de dor e sofrimento marcados pela memória do tempo-lugar em que passamos juntos. O título da exposição também faz referência às lembranças, desmistificando ou numa tentativa de autoafirmação de que o relacionamento não foi uma perda total de tempo, e que aquela perfeita e ao mesmo tempo “(des)perfeita” relação, proporcionava uma pluralidade de cores e ao mesmo tempo um desgaste emocional representado pelo também preto e branco das imagens, isso tudo regado por um péssimo falar da língua espanhola.



Figura 5 - Cores e 'sin colores' #4 | 2013 | Papel endura sobre foamboard



Figura 4 - Cores e 'sin colores' #1 | 2013 | Papel endura sobre foamboard

² Cores e 'sin colores' em (des)perfeita simetria

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.659678860795217.1073741837.463320180431087&type=3>



Figura 6 - Cores e 'sin colores' #7 | 2014 |
Papel endura sobre foamboard



Figura 7 - Cores e 'sin colores' #5 | 2014 |
Papel endura sobre foamboard

Não é de hoje que a temática memória de infância tem sido trabalhada dentro da minha poética. No primeiro semestre de 2014, produzi a série *Aerobiose*³. Por ter sido criado numa cidade interiorana tive grande contato com a natureza, as memórias de infância as quais recordo, remetem a brincadeiras quase que sempre ao ar livre. E é nesta perspectiva saudosista e sentimentalista que a série *Aerobiose* se desenvolve. Todos os seres vivos que necessitam de oxigênio para sobrevivência são chamados aeróbicos, e a esse processo bioquímico de respiração celular, e que representa a forma mais eficaz de se obter energia a partir de nutrientes na presença de oxigênio, chama-se de *Aerobiose*. A série apropria-se da discussão de memória e sentimentalismo saudosista de infância, com a natureza, aliadas a imagens construídas na poética da figura humana sobrepostas a elementos naturais. Todas as fotografias de elementos naturais, nuvens, grama, musgo, galhos secos, água ou areia, foram feitas na cidade onde nasci e todas as composições remetem ao cotidiano e brincadeiras do universo infantil. A série *Aerobiose* caracteriza-se como memórias de um corpo híbrido. É como se a natureza me completasse e me tornar-se parte dela, através de lembranças de quando fui criança.

³ *Aerobiose*

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.637770129652757.1073741835.463320180431087&type=3>



Figura 9 - Aerobiose #1 | 2014 | Tecido canvas sobre chassis de tela



Figura 8 - Aerobiose #4 | 2014 | Tecido canvas sobre chassis de tela



Figura 10 - Aerobiose #7 | 2014 | Tecido canvas sobre chassis de tela

Com base nesse sentido, essas séries e também outros trabalhos assumem a postura de reminiscências. Em sua grande maioria, inquietações e provocações pessoais íntimas, permeadas de puro sentimentalismo, alimentadas pela motivação de arrancar esse sentimento que incomoda e perturba. “As criações artísticas representam formas privilegiadas de expressão do interior humano, com seus diversos tons e matizes emocionais. Permitem-nos refletir sobre as emoções e nuances que são comunicadas pelo seu autor, ao mesmo tempo em que nos intrigam e nos inspiram” (LEVINZON, 2009, p. 2).

A psicanálise trata a questão dos sentimentos pela disposição afetiva inata e complexa da pessoa em referência a outra, objeto, coisas ou ideias abstratas da qual é convertida em significação para si própria. O sentimento é identificado pela relação da pessoa para com o objeto tratado. Para a filosofia o sentimento sempre esteve atrelado à subjetividade considerado o oposto da razão. Neves (2009) explica que Descartes o descrevia como o

estatuto de emoção da alma. No pensamento de Rousseau, o sentimento era algo natural, instintivo de tendência originária do ser humano. Já para Kant o sentimento é uma atividade fundamental do espírito humano, e seria dividido em três instâncias, que são elas: prazer, dor e desejo. A sociologia e a antropologia também desenvolveram diversos conceitos ligados ao estudo dos sentimentos. Georg Simmel associava ao conceito de sociabilidade, definindo-o as relações criadas no processo sociável a sustentação da sociabilidade na sociedade. O francês Marcel Mauss afirmava que os sentimentos possuem valor moral, caráter coletivo, e formam uma linguagem.

Na contemporaneidade os sentimentos são tratados no campo social e simbólico, segundo Neves (2009), Le Breton e Damásio ressaltam a dimensão biológica. “Damásio não só defende a importância dos sentimentos para a racionalidade, como também acredita que eles constituem aspectos basilares da regulação biológica com marcas culturais e sociais”. (NEVES, 2009, p. 420). Além disso, o conceito de sentimentos é explorado numa perspectiva para a comunicação por Merleau-Ponty, que classifica o fato de sentir com uma forma de comunicação vital com o mundo, pontua Neves (2009).

O que funda a sociedade e a cultura é essa comunicação primeira do sujeito com o outro e com o mundo. Ao sentir e ao transmitir meu sentimento ao outro, posso modificar tanto a mim quanto ao outro, positiva ou negativamente. A comunicação se realiza e o sentimento é o conteúdo transformador entre o eu e o outro. (NEVES, 2009, p. 420)

Eugenio Mussak (2010) aborda no livro *Preciso Dizer O Que Sinto*, sobre as questões de como lidar com os sentimentos em três esferas distintas: na relação com outras pessoas; com os fatos cotidianos; e sobre o fator consigo mesmo. Ele defende que falar sobre seus sentimentos ajuda no processo de autoconhecimento, complementando que o humano é por natureza um ser emocional, e que se comunica racionalmente.

O mundo moderno valoriza o pensamento, a lógica, o racionalismo. Não há nada de errado nisso, a não ser pelo fato de que os sentimentos humanos – e não o pensamento – são a principal fonte da energia que move as pessoas em direção às suas realizações. (MUSSAK, 2010, p. 17)

Defendo a poética sentimental aprofundada na necessidade do registro de memória. Especialmente para a exposição em questão, pensamos sobre sentimento que norteava o universo das obras. Portanto, ficaram definidos como tema as memórias de infância permeadas pelo sentimento da saudade. Partindo desse pressuposto para compor as obras de arte uso uma estética contemporânea e agarro-me as diversas possibilidades de linguagens para retratar minha comunicação artística.

4. PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

Definidos os aspectos teóricos da pesquisa, partimos para a parte prática. Primeiramente fiz uma viagem até Arara, no agreste paraibano, cidade onde nasci. O objetivo era buscar inspirações e coletar material para dar suporte na criação. Inicialmente realizei conversas informais com familiares e amigos, a fim de resgatar lembranças, momentos, memórias perdidas, ou até mesmo esquecidas. Paralelo foi desenvolvido uma pesquisa documental. Recolhi materiais que tanto serviram para alimentar o imaginário criativo como para composição das obras.

Em maio começamos a fazer estudos para a composição das obras. Inicialmente pelo estudo em pintura, seguidos de desenho, fotografia em arte digital, objeto, *assemblage* e instalação. Em junho desenvolvemos a produção dos primeiros trabalhos. Sem muito espaço, os amigos, Alênicon Souza, Léo Guilherme, Sérgio Dantas, Felipe Mello e Wellington Souza cederam à sala do apartamento onde moram como forma de ateliê improvisado para a composição das obras em grande formato.

Em julho foi realizado o primeiro contato com Angelo Rafael, diretor do MAC (Museu Assis Chateaubriand) da UEPB. Agendamos uma visita, da qual conversamos sobre a conclusão do curso, a produção para a exposição, além da minha trajetória artística. A conversa foi bastante proveitosa, o diretor apontou como um trabalho pertinente, além de descrever um pouco sobre minha trajetória nas artes visuais, classificando como breve, mas de grande relevância. Ficou acertado um novo encontro para fechar a data, diante dos ajustes na agenda do espaço. Em setembro acertamos a data do começo da exposição para novembro, aproveitamos o novo encontro para solicitar o auditório do museu para a defesa do relatório de conclusão do trabalho.

Ainda em setembro começamos a produzir um folder, além de uma identidade visual gráfica para a exposição. Nesse sentido a colega do curso de jornalismo, Elissama Barreto me forneceu um suporte. Desenvolvemos juntos o folder e *flyer* que circulará durante a exposição. Além disso, começamos a pensar no espaço expográfico e o transporte das obras para a sede do MAC. Ainda neste mês foi necessária uma busca pela cidade por alguns materiais que serviriam de suporte para as instalações, como um arquivo de escritório e uma televisão, ambos em modelo dos anos 90, bem como varas de pesca em bambu e um balde em metal.

No início de outubro com as obras em pintura, desenho e fotografias concluídas, partimos para a finalização do material. Depois de uma pesquisa de preço, firmamos um acordo de apoio com a Kromme, empresa de impressão gráfica, para a ampliação das obras fotográficas no papel alemão *Hahnemühle Matt FineArt*. Tanto para os trabalhos em desenho e pintura como também as ampliações fotográficas acertamos outra parceria com a Art 7 Molduraria dos amigos Charles Delano e Emanuely Kênia.

Com todas as obras finalizadas no começo do mês de novembro, tratamos de encaminhar o transporte das mesmas para o prédio do museu. Uma vez as obras no museu, o trabalho expográfico e visual facilitou, pois podíamos ter uma dimensão exata da composição e dimensão dos trabalhos no espaço físico da sala. Os também colegas de jornalismo Ivan Andrey e Rayane Brito se dispuseram em fazer o registro fotográfico das obras e montagem da exposição.

A montagem foi iniciada duas semanas antes da defesa deste relatório e abertura da exposição para o público. A previsão é que a exposição fique até março de 2015 no MAC da UEPB. Tivemos alguns problemas, devido limitações na expografia da sala Janete Costa por conta do grande número de expositores e as interferências que eles causavam na disposição das obras, e que infelizmente não poderiam ser removidos da sala que abrigou nossa exposição. Na entrada da sala pintamos de azul, cor predominante em algumas obras, a parede onde ficaria o adesivo com o texto de curadoria cedidos pela Atual Bureau Digital, além do nome da exposição e artista. Nesse sentido tivemos um grande apoio dos funcionários do museu em especial Washington Moraes e Realan Delon, que não mediram esforços no auxílio de toda a montagem.



Figura 12 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito



Figura 11 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito



Figura 13 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito

5. DETALHAMENTO DAS OBRAS

5.1. POKEBOLAS

Ainda na infância se descobre valores de vida. Muitos desses além de transmitido pela família, educadores e amigos são captados através do entretenimento ao alcance daquela criança. A série intitulada Pokebolas traz como referência a série de TV animada Pokémon⁴. O desenho conta à história do jovem Ash Ketchum, garoto de 10 anos que vive em *Pallet Town* (cidade de Pallet). Ao completar essa idade ele recebe uma licença para tornar-se treinador Pokémon. Ao lado de novos amigos inicia uma jornada para capturas dos *Pocket Monsters*, e participar de campeonatos pelo mundo afora (THE POKÉMON COMPANY, 2014)⁵. Produzido pela Tokyo TV e com direção de Masamitsu Hidaka a animação tem como o foco a história de vida do personagem Ash e seus amigos, de que maneira eles enfrentam as dificuldades da vida e como lidam com situações cotidianas em que precisam mostrar desenvoltura sobre questões de ordem sociais econômicas, culturais e éticas.

Partindo desse pressuposto nos apropriamos das mensagens que a série é capaz de levantar e identificamos nos arquivos pessoais o quanto a mesma foi de grande relevância para o período tratado neste estudo. Na pesquisa do material de arquivo pessoal usado como matéria prima para a construção conceito visual das obras encontramos miniaturas em *action figure* (brinquedos colecionáveis), foi observada ainda a diversidade de cores e formas desses brinquedos. A partir desse ponto determinou-se trabalhar com pintura, sendo a linguagem que referenciava o primeiro contato com as artes, ainda na escola. A escolha dos materiais deveria

⁴ O Pokémon ou *Pocket Monsters* (monstros de bolso) foi lançado no Japão em 1996 e hoje é uma das marcas de entretenimento infantil, mais populares do mundo. Fonte: The Pokémon Company <http://www.pokemon.com/br/>

⁵ <http://www.pokemon.com/br/sobre-pokemon/> acesso em outubro de 2014

fazer jus à proposta, nesse sentido a escolha do papel *canson*, tinta guache e o trabalho em recortes, justificava com materiais a proposta de retratar as fases das aulas de arte e do desenho animado em questão na temática da infância nos anos 1990.

Ainda para a proposta foi feito um estudo sobre cores, a intenção era usar da variedade de cores que as miniaturas em *action figure* proporcionavam, e os contrastes que poderiam ser gerados. “O contraste é uma força de oposição a esse apetite humano. Desequilibra, choca, estimula, chama a atenção. Sem ele, a mente tenderia a erradicar todas as sensações, criando um clima de morte de ausência de ser.” (DONDIS, 1997, p. 108).

As obras constituem-se numa série com 14 quadros, usando como referências em pintura o expressionismo abstrato e o minimalismo de artistas como Reinhardt⁶ e Mark Rothko⁷. Buscou-se trabalhar com efeitos de cores que causassem além do contraste expressasse desejos e anseios representados pela uniformidade das cores. Optando, assim, o uso de técnicas mínimas em pinturas uniformes e recortes em papel geométricos, sobrepostos pela colagem das miniaturas.



Figura 14 - Processo de produção da obra Pokebola #2

⁶ Pintor e escritor americano. Ficou conhecido por seu trabalho como um pintor abstrato e pela sua influência a escola minimalista. Também escreveu e lecionou durante toda a sua vida. Usava a pintura como forma de lidar com as questões que sentia. Fonte: MoMA http://www.moma.org/collection/artist.php?artist_id=4856

⁷ Nascido na Rússia, Marcus Rothkowitz emigrou para os Estados Unidos em 1913. Ao pintar sua obra mais famosa Violeta, preto, laranja e amarelo sobre branco e vermelho de 1949, Mark atingia a maturidade de seu estilo, abandonando suas referências de imagens e dedicando-se a expressiva justaposição de luminosos retângulos em cores. (FARTHING et al, 2011, p 456 a 457)



Figura 16 - Pokébola #1 | 2014 | Pintura e recortes de papel com guache + miniaturas de brinquedos sobre papel canson

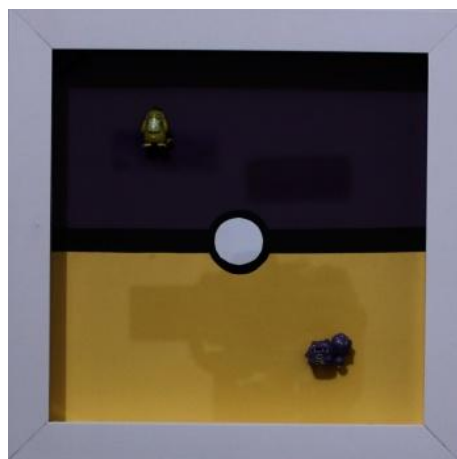


Figura 15 - Pokébola #4 | 2014 | Pintura e recortes de papel com guache + miniaturas de brinquedos sobre papel canson

5.2 TETRIS & RANCING CAR

Sabe-se que os jogos eletrônicos promovem desenvolvimento do raciocínio lógico, coordenação motora e auxilia na aprendizagem de um indivíduo. No recorte de tempo trabalhado na exposição, destaco as lembranças das reuniões de jogos organizados pela turma de amigos do bairro em que morava. Organizávamos campeonatos de futebol, disputas com jogos de lutas, aventura e estratégias. Passávamos tardes, finais de semana e férias inteiras dedicadas a essa troca de experiências e convívio de amizades, onde aprendíamos não só estratégias novas para os *games*, mas também desenvolvíamos afetividade, carinho e companheirismo.

Seguindo a linha da série de pinturas *Pokebolas*, as obras *Tetris* e *Racing Car* remetem a infância nos anos 90, no entanto a motivação ou mote para a composição das obras foram os jogos de *videogame* da época em questão.

Criado pelo programador, Alexey Pajitnov em 1984 enquanto trabalhava na URSS, o jogo *Tetris* foi inspirado no tabuleiro *Pentominos*⁸. A visão de Alexey era criar um jogo eletrônico em que peças do *puzzle* caíssem em tempo real, aumentando a velocidade conforme a mudança de nível de dificuldade do jogo. Usando sete combinações de peças distintas compostas de quatro quadrados ele nomeou o jogo de *Tetris*, retirando do grego a palavra “tetra”, que significa quatro e de “tênis”, seu esporte favorito. Depois de espalhar entre seus

⁸ Jogo de tabuleiro de quebra-cabeça Pentominos, era composto por 12 peças com formas geométricas diferentes, formadas a partir de cinco quadrados em uma caixa. Fonte The Tetris Company <http://Tetris.com/>

colegas o jogo caiu no gosto do público e em pouco tempo ganhou o mundo através da empresa The *Tetris* Company que abriu em parceria com alguns amigos. (THE TETRIS COMPANY, 2014).⁹

O jogo é referência até hoje. Seu *design*, jogabilidade e até mesmo a música evoluíram. Um dos desdobramentos do *Tetris*, ainda nos anos 1990, é o também famoso *Racing Car*. Seguindo basicamente o mesmo *layout* de quadrados, o jogo traz uma corrida de *karts*, em que o movimento é feito pelo cenário, enquanto o carro faz ultrapassagens até a linha de chegada.

Inspirado nesse universo do *Tetris* e *Racing Car* duas obras foram criadas. Ainda com a ideia de se trabalhar na perspectiva de recordar as aulas de artes da infância decidimos continuar trabalhando com o papel canson, no entanto o uso as técnica mudou, passou-se a trabalhar com o desenho. O desenho merece destaque no trabalho com artes visuais, pois ele tem uma importância na construção das demais linguagens visuais. (BERALDO e UJIIE, 2010, p. 5). Grafite e giz de cera coloridos foram os matérias usados no trabalho. Foram reproduzidas uma cena de cada jogo, *Tetris* e *Racing Car*. Quadrados geométricos feitos com grafite e coloridos com giz de cera.

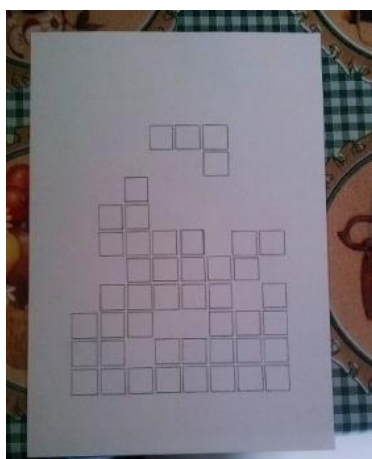


Figura 17 - Processo de produção da Obra Racing car

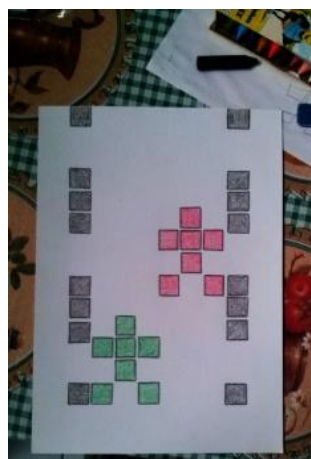


Figura 18 - Processo de produção da obra Tetris

⁹ <http://www.pokemon.com/br/sobre-pokemon/> Acesso em outubro de 2014.

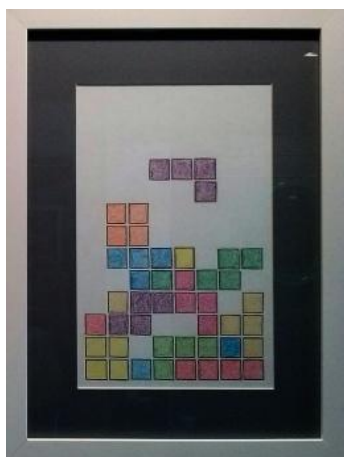


Figura 20 - Racing car | 2014 | Desenho com grafite e giz de cera sobre papel canson



Figura 19 - Tetris | 2014 | Desenho com grafite e giz de cera sobre papel canson

5.3 FISH

Muitas das lembranças dessa época ainda são claras em minha mente. A infância é o período em que todo indivíduo forma sua personalidade, e é também o momento de aprender coisas para toda a vida. Entre os 10 e 12 anos de idade, época em que a região passava por uma longa estiagem, meu pai trabalhava como funcionário público para o município onde nasci. Encarregado de um caminhão pipa, ele fazia distribuição de água pela cidade. Recordo-me neste momento uma ocasião, as férias. Por estar numa pausa do meu ano letivo, passei a acompanhar meu pai em seu trabalho. As viagens eram muito divertidas, percorríamos a zona rural e as cidades vizinhas captando água de fontes, açudes, poços, rios e etc.

Nunca poderei esquecer tais momentos. Foram nessas viagens que aprendi muito daquilo que sou hoje. Entre as diversas coisas que aprendi nessas viagens, está uma que particularmente resalta em minha memória, a pescaria. Sempre por esporte, a ideia mesmo era aprender. Pegar o peixe de forma amadora, vara de bambu, nylon, anzol e minhoca, depois de pegar, devolve-lo a água. Nunca chegamos a pegar grandes peixes, na verdade nem queríamos, o desejo era apenas divertir-se e deixar o tempo passar enquanto a bomba retirava a água do açude e jogava no reservatório do caminhão pipa.

Para essa lembrança projetei uma instalação. No princípio as instalações eram consideradas obras projetadas para espaços específicos de uma galeria ou museu. Essas criações zombavam da comerciável e colecionável e abraçavam a arte pela arte, sendo muitas

vezes de natureza efêmera (FARTHING *et al*, 2011, p. 504). As origens dessas linguagens podem ser atribuídas aos *ready-mades*¹⁰ do artista Marcel Duchamp¹¹.

A obra intitulada *Fish* foi composta através dessas recordações. Para o trabalho foram utilizados diversos materiais de acervo pessoal. A obra é dividida em dois conjuntos de objetos que formam a instalação, que são: duas varas de bambu de 3,80 de altura cobertas com tinta preta fosco *spray*, suspensas entre o teto e a parede por fios de nylon. Nas pontas, dando sentido de linhas e iscas *joystick* de videogame, material de acervo pessoal, coloridos com guache, usados para dar o sentido de captura da pesca; balde de metal coberto com revistas em quadrinhos japoneses, também de acervo, dentro cartuchos de videogame colorido monocromaticamente com tinta guache, também suspenso do teto ao chão por fio de nylon. A apropriação dos materiais de acervo pessoal, manipulando mídias como a revista em quadrinhos e resignificando objetos, antes projetados para outra finalidade, dando novos significados aos símbolos, mas não apagando por completo seu significado primitivo. O que se deseja com o material de acervo é que, além de promover toda uma carga de memória pessoal, o objeto ou mídia utilizada desenvolva novas possibilidades de narrativa deixadas ao espectador, esses questionamentos.



Figura 22 - Processo de produção do objeto Anzol da instalação Fish



Figura 21 - Processo de produção do objeto Balde da instalação Fish

¹⁰ O termo é criado por Marcel Duchamp (1887 - 1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias). Fonte Enciclopédia Itaú <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5370/ready-made>

¹¹ Marcel Duchamp foi um dos pioneiros do Dadaísmo, um movimento que questionava sobre o que deveria ser arte, e como ela deve ser feita. Mudou-se para Nova York em 1915 onde produziu seus *ready-mades* mais famosos, como Fonte, um mictório deitado sobre um pedestal com a assinatura “R. Mutt”, firma de engenheiros sanitários. Fonte MoMA http://www.moma.org/learn/moma_learning/themes/dada/marcel-duchamp-and-the-readymade



Figura 24 - Fish | 2014 | Instalação (vista da exposição)



Figura 23 - Detalhe 3 da instalação Fish (isca)



Figura 26 - Detalhe 1 da instalação Fish (balde)



Figura 25 - Detalhe 2 da instalação Fish (isca)

5.4 ARQUIVADOR DE EMOÇÕES

Desde a infância fui um exímio colecionador de coisas, álbuns de figuras, joguinhos de cartas, brindes de salgadinhos, brinquedos colecionáveis, entre muitas outras coisas. Algumas dessas coleções são guardadas até hoje. Divertia-me bastante ao iniciar uma coleção nova, trocava com os amigos do bairro, reuníamos para exibir nossas coleções, era uma espécie de intercâmbio, passávamos horas conversando sobre assuntos que permeavam nossos “pequenos tesouros”.

Com intuito de projetar essas recordações em arte, foi criada outra instalação, mas com características em *assemblage*. O termo incorporado às artes em 1953, pelo pintor e gravador francês Jean Dubuffet (1901-1985) fazendo referência aos seus trabalhos que foram além da colagem. O princípio da *assemblage* é a estética de acumulação, incorporado qualquer material a obra de arte. A técnica em está muito ligada à escola do Novo Realismo, movimento que buscava uma nova abordagem para a arte, se afastava da pintura e trabalhava

numa nova perspectiva do real. ”Era comum aos novos realistas à incorporação de objetos do cotidiano de em suas obras e Pierre Restany referiu-se a isso como “reciclagem poética da realidade urbana, industrial e publicitária” (FARTHING *et al*, 2011, p. 497).

Na instalação/*assemblage* usou-se um arquivo de escritório da década de 1990. Nele foi feita uma colagem com revistas em quadrinhos americanas, Homem Aranha, Batman, X-men entre outras, todas de acervo pessoal. Além de trazer toda uma carga emocional de memória as revistas tem a fornecem ao observador da obra a possibilidade de recriar a história da mídia ali aplicada, possibilitando uma nova abordagem e interligando os quadrinhos a novas linearidades.



Figura 28 - Detalhe 1 do processo de produção da obra Arquivador de emoções



Figura 27 - detalhe 2 do processo de produção da obra Arquivador de emoções

Dentro de cada uma das cinco gavetas, flocos de isopor e coleções do acervo pessoal compõem o *assemblage*. Primeiramente, deseja-se provocar o espectador, desafiando-o abrir as gavetas. Optou-se por não colocar nenhuma mensagem, nem deixar claro que existe algo ali dentro. Estimula-lo a quebrar o protocolo de não tocar em obras de arte. Os pertences dentro das gavetas não obedecem a uma ordem ou forma pré-estabelecida, o desejo é que o visitante além de recriar sua própria história através dos quadrinhos, também manipule, reconfigure e resigneifique, movam de gavetas, criem novas coleções, separando-os por cor, forma, tamanho ou o que sua vontade possa expressar. A obra ainda exala uma fragrância de lavanda, o cheiro faz referência ao perfume usado quando criança.

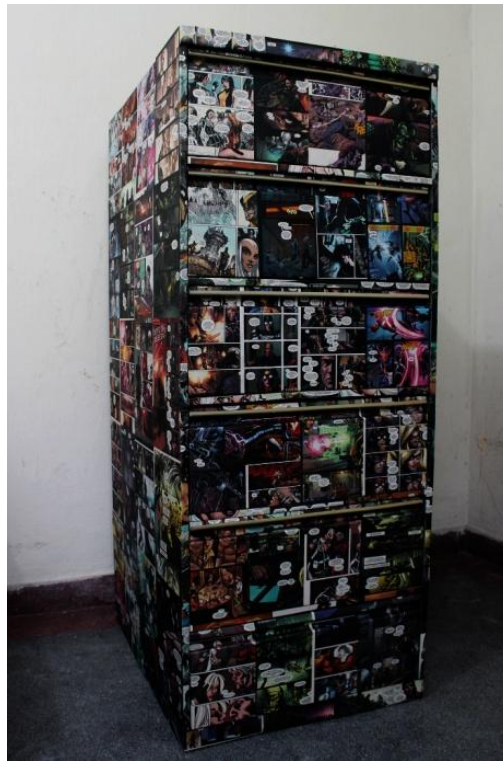


Figura 29 - Arquivador de emoções | 2014 | Colagem de revistas em quadrinhos sobre arquivo + pertences pessoais dentro das gavetas e fragrância de lavanda



Figura 30 - Detalhe interno da obra Arquivador de emoções



Figura 31 - Detalhe externo da obra Arquivador de emoções

5.5 TV EM “QUADLINHOS”

Os anos 1990 para quem viveu numa cidade de interior foi um tanto peculiar. A tecnologia da época não era forte e acessível como hoje. Lembro-me que era difícil estar antenado com os assuntos e o entretenimento daquele tempo. Os investimentos para uma comunicação acessível para todas quase sempre não chegava até cidade de pequeno porte

como Arara, além disso, o poder público da cidade não tinha uma preocupação do acesso a TV aberta para a população, quem tinha poder aquisitivo usava TV por assinatura, ou TV via satélite, as chamadas parabólicas. Quando criança a comunicação sempre me encantou, em especial o entretenimento. Nunca me importei de ser televizinho, assistia na casa de amigos os canais que não tinha em casa. Era difícil tentar sintonizar um canal de TV ou emissora de rádio em casa, aquela velha antena interna nunca funcionava direito, a externa ou espinha de peixe como é conhecida, quase sempre era derrubada pelo vento.

Quando o entretenimento audiovisual era falho, restavam às rádios, fitas cassetes ou até mesmo o vídeo cassete, que pude ter um bom tempo depois. Mas meus pais sempre incentivaram desde cedo meu gosto pela leitura. Aos sábados, dia de feira livre na cidade vizinha, Solânea, acompanhava meu pai em seu trabalho como motorista de ônibus. Acordávamos bem cedinho e fazíamos uma rota da zona rural até o município. Lá considerada um ponto de comércio mais forte da região, para a época, possuía bancas de revista, onde meu pai sempre comprava histórias em quadrinhos. A princípio, por ser muito criança, fazia leituras da Turma da Mônica e exemplares da Disney como Mickey, Pateta ou Zé Carioca. Mais tarde, já um pouco maior, migrei para as HQ's americanas, como Batman, Super Homem, X-men, Homem Aranha e para os mangás japoneses como Cavaleiros do Zodíaco, Sailor Moon, Dragon Ball entre outros. Essas revistas alimentavam meu imaginário me despertavam para a leitura e faziam meu entretenimento.

Nesse sentido me aproprio dessas lembranças na criação do objeto TV em “quadlinhos”, o nome da obra é inspirado no personagem do cartunista Maurício de Souza, Cebolinha que troca o R pelo L. A obra tem como características um colagem do acervo pessoal de revistas em quadrinhos da Turma da Mônica sobre uma TV de tubo, modelo típico dos anos 1990. Na parte superior é colocada uma antena de captação analógica interna. Em exposição à obra permanece ligado no modo sem sintonia caracterizando assim as memórias descritas acima. O que se busca através da obra mais uma vez é a ressignificação da mídia revista e reutilização do objeto caracterizando a carga emocional de memória e sentimento que ele é capaz de promover.



Figura 32 - Detalhe 1 da processo de produção da obra TV em "quadlinhos"



Figura 33 - Detalhe 2 da processo de produção da obra TV em "quadlinhos"



Figura 34 - TV em "quadlinhos" | 2014 | Objeto, colagem de revistas em quadrinho sobre TV modelo anos 1990

5.6 MEMÓRIAS AGUADAS

A fotografia passou a ser reconhecida enquanto arte depois de sua maturidade no início do século XX, quando o termo “pictorialismo” foi associado para descrever imagens que tentavam aproximar-se da pintura. Mas foi em meados das décadas de 1960 que ela é

reconhecida como meio de comunicação artística passando a integrar-se junto com outras linguagens, plataformas e abordar diversas questões, bem como pluralizar através de diversas vertentes.

Os artistas começaram a misturar a fotografia com outros materiais no início da década de 1960, e Andy Warhol e Robert Rauschenberg fizeram serigrafias de fotografias em telas. Barbara Kruger Transformou a fotografia, misturando imagens e letras para criar uma série de obras de agitação criticando a ganância empresarial, os políticos de direita e os estereótipos sexuais e raciais. Cindy Sherman inspirou-se nas imagens contemporâneas de revistas e filmes para criar sua série *Bastidores*, na qual montou vários cenários para criar um novo gênero de retrato (FARTHING *et al*, 2011, p. 493).

A história de um lugar ou de uma pessoa é construída através de diversos elementos que compõem o cotidiano, mas a fotografia assume papel de destaque quando o assunto é registro e documentação, principalmente quando se refere a personagem e suas memórias. “Antes da invenção da fotografia não existia nada que pudesse fazer o congelamento de um instante, exceto o poder da memória. A fotografia surge, então, como grande auxiliar da memória.” (BUITONI, 2011, p.33) Nesse sentido nos apropriamos do acervo documental de fotografia, para criar a composição da série Memórias Aguadas. A ideia seria quebrar o sentido de mero registro por meio de intervenção pictórica através de sobreposições digitais em aquarelas digitalizadas.

Sabe-se que o regime de chuvas no agreste paraibano é entre os meses de abril a julho. A cidade de Arara, onde nasci está localizada nessa região do nordeste. Período esse de ano escolar eletivo. Desde criança sempre gostei muito do clima chuvoso, principalmente quando havia aula. Tomar banho de chuva com os meninos do bairro era incrível, apesar de sempre ouvir da minha mãe que “As primeiras chuvas não são ideais para o banho”, nunca entendi o motivo, coisas de mãe. Mas a memória que ficou marcada dessa época sem dúvida era a forma como ela me vestia para ir até a escola nos dias de chuva. Capa de chuva transparente, galocha e guarda chuva, me sentia no próprio filme americano, Cantando na Chuva (*Singin' in the Rain*) de 1953. A escola não era tão longe, a poucos minutos de casa, mas ir até ela vestindo daquela forma, não sei o motivo, mas me enchia de orgulho.

A série de fotografias Memórias Aguadas caracteriza as lembranças de infância. São cinco fotografias de acervo pessoal, restauradas e editadas digitalmente, todas monocromáticas em P&B, mas o elemento chave em sua composição é a sobreposição de uma textura em aquarela azul digitalizada aplicada nas fotografias. Além de a cor fazer referência ao período chuvoso ela também tem relação com o nome da cidade que recebe o nome do

pássaro Arara, fazendo referência a sua plumagem azul. O material foi finalizado em impressão no papel alemão *Hahnemühle Matt FineArt*.

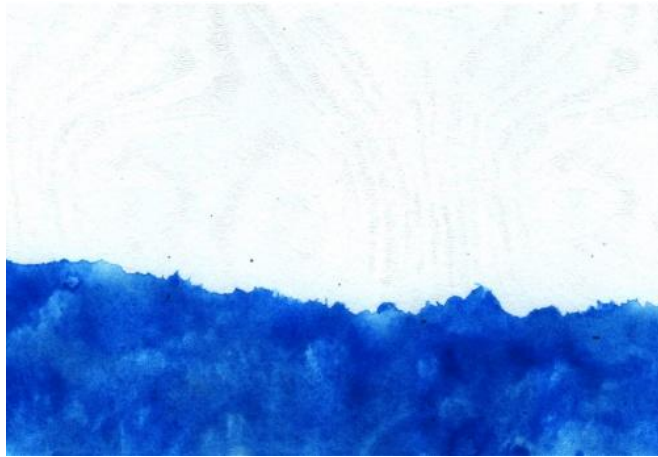


Figura 35 – Processo de produção da obra Memórias aguadas #01, aquarela digitalizada



Figura 36 - Processo de produção da obra Memórias aguadas #01, manipulação digital



Figura 37 - Memórias aguadas #4 | 2014 | Impressão em Hahnemühle Matt



Figura 38 - Memórias aguadas #3 | 2014 | Impressão em Hahnemühle Matt

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos ver ao longo deste trabalho não apenas retomamos a discussão entre a comunicação e a arte, mas vimos o quanto ela foi de extrema importância e decisiva para o desenvolvimento do que chamamos hoje de sociedade. Revisitamos os primórdios do desenvolvimento humano para atingir nosso objetivo de desvendar a arte enquanto expressão comunicacional. E ainda mostramos os aspectos da arte como linguagem suas funções para a sociedade e para a comunicação, além de apresentarmos as peculiaridades da mensagem nas artes visuais.

Para reforçar a teoria aplicada expusemos a poética dos trabalhos expostos na exposição associando a sua relação com a produção contemporânea. Entendemos a memória como uma espécie de preservação de todo o conhecimento humano e que nos tempos de tecnologia instantânea a mesma é de difícil manutenção, por isso destacamos a arte como esfera de discussão da memória.

A fim de justificar o desejo de se trabalhar com uma exposição de artes visuais no trabalho de conclusão de curso expomos a trajetória artística e o amadurecimento desta produção. Buscando o passado como forma de amadurecimento pessoal, resolução de questões pessoais ou ainda tratando das formas de como lidar com os sentimentos e os efeitos que os mesmos exercem sobre o cotidiano e a personalidade.

Por fim o que se desejou trabalhar na produção da exposição *O que permanece comigo* foi, além de firmar o poder que a comunicação tem em se ramificar, enraizar e influenciar toda a sociedade através das artes, quis se destacar também a produção contemporânea nas artes

visuais e mostrar o quanto ela pode e deve ser explorada nas produções no âmbito acadêmico, levantando questionamentos enquanto reflexões de cunho teórico-prático como conclusão de curso em graduação.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Vol. 1*. In. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERALDO, N; UJIIA, N. T. *Artes visuais na educação infantil: o desenho como forma de linguagem*. I Seminário de Pedagogia: Educação e prática pedagógica, Irati - Paraná, 1-10, jul 2010.

BERGER, R. *Arte e Comunicação*. São Paulo: Paulinas. 1978.

BÉRGSON, H. *Matéria e memória – Ensaio sobre a relação do corpo e do espírito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUITONI, Ducilia Schroeder. *Fotografia e Jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

CANTON, K. *Tempo e Memória*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. (Temas da Arte Contemporânea)

COSTELLA, A. F. *Comunicação - Do grito ao satélite*. Minas Gerais: Mantiqueira, 5ª ed. 2002.

DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed. 1997.

FARTHING, S. *Tudo sobre arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FORTUNA, M. *Arte - um meio de comunicação e educação no aprimoramento da personalidade*. Líbero (FACASPER), Fac. Casper Líbero - São Paulo, v. 1, n.2, 1998.

HOHLFELDT, A. Comunicação In: MARQUES DE MELO, J. *Enciclopédia Intercom de comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

KELLY, C. *Arte e Comunicação*. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

LEVINZON, G. K. *Frida Kahlo: a pintura como processo de busca de si mesmo*. Revista brasileira de psicanálise. v.43 n.2 São Paulo jun. 2009.

MACHADO, A. *Arte e mídia: aproximações e distinções*. Revista ecompós, v.1. São Paulo, dez. 2004.

MARTINEZ, M. Memória In: MARQUES DE MELO, J. *Enciclopédia Intercom de comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

MUSSAK, E. *Preciso dizer o que sinto*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

NAKAGAWA F. S. Memória e Semiótica In: MARQUES DE MELO, J. *Enciclopédia Intercom de comunicação*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

NEVES, T. T. Sentimento In: MARCONDES FILHO, C. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2ª ed. 2014.

QUEIROZ, B. M. *Lygia Clark: um olhar estético sobre a comunicação*. Contemporânea, Rio de Janeiro, v6, N°2, 148 a 159, Jul/Dez 2008.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet H.; JACKSON, Don D. *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS

A evolução da música do Jogo Tetris <http://kotaku.com/the-evolution-of-the-Tetris-song-from-1987-to-today-1533072841>

Enciclopédia Itaú Cultural <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

Everton David Fanpage <WWW.facebook.com/evertondaviid>

MoMA <http://www.moma.org/>

The Pokémon Company <http://www.pokemon.com/br/>

The Tetris Company <http://Tetris.com/>

ANEXOS

RELEASE DA EXPOSIÇÃO

MAC abriga primeira exposição de estudante da UEPB

O trabalho do artista Everton David explora o passado através de memórias e sentimentalismo

Já se foi o tempo em que trabalhos de conclusão de curso eram tidos apenas como um processo burocrático de avaliação final de uma graduação. Principalmente para quem se forma nas áreas de artes e comunicação, os chamados TCC's ganham cada vez mais características que exploram a criatividade do aluno, além de se tornarem tendência entre os profissionais que acabam de sair da universidade. Tendo esse pensamento como norteador, o artista visual Everton David apresenta nesta quinta-feira, 27, às 16hrs no MAC (Museu de Artes Assis Chateaubriand) da UEPB, a exposição intitulada *O que permanece comigo*. Concluinte do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UEPB, Everton se torna o primeiro aluno da Instituição a expor seu TCC nesse que é um dos mais importantes museus do Estado.

No evento de abertura também haverá a defesa pública do trabalho, que marca um momento importante da carreira do artista. Everton David é natural de Arara no agreste paraibano, e seu trabalho se desenvolve na poética de memória e sentimento, em que busca discutir inquietações pessoais retratando-as no campo da visualidade. “Neste trabalho procurei mergulhar o espectador numa poética de memórias autobiográficas de infância, permeadas por simbolismos e sentimentos. Fazendo emergir de documentos pessoais lembranças particulares, hora tonalizadas numa aquarela azul sobre uma fotografia, hora através de colagens e objetos eletrônicos que dão formas e cores ao passado”, descreve.

A professora Agda Aquino, orientadora e também curadora da exposição, destaca a importância de trabalhos como esse: "a academia deve assumir para si o papel de fomentar a cultura e arte, e trabalhos como esse devem ser estimulados. É realmente uma honra para mim participar disso." A exposição explora diferentes linguagens das artes visuais, como fotografia, pintura, colagens, objeto, instalações e desenho. “Entre estudos de cores, linhas que reconstróem jogos eletrônicos, fotografias de arquivo aquareladas, documentos que recontam o passado, é possível encontrar aquela busca constante em cada um de nós. Everton David não é necessariamente do tipo saudosista, mas sabe que saudade dá o tom de suas obras. Ele é do tipo que busca no passado as respostas mais complexas e simples sobre si mesmo”, ressalta a curadora.

No contexto em que a academia se aproxima do mercado de trabalho e seguindo exemplos de inovação e empreendedorismo no aspecto de auto-promoção, trocar a monografia por trabalhos que envolvem a capacidade de criar conteúdo que extrapole os limites do mundo acadêmico, pode ser a melhor jogada para se firmar no mercado de trabalho. A exposição *O que permanece comigo* fica em cartaz até março de 2015 no MAC, localizado na João Lélis, 581, no bairro do Catolé, em Campina Grande. Aberto de segunda à sexta das 13h30 às 19h, com entrada gratuita.

TEXTO DE CURADORIA

AGDA AQUINO
CURADORA

Quando o passado vem à tona e ganha formas, cores e objetos, ele se materializa no presente: é uma forma de revivermos o ontem no hoje. Somos não apenas o que a estrada da vida construiu para nós, mas principalmente aquilo que optamos por lembrar e esquecer. O processo de mergulhar nas próprias lembranças, caminho tortuoso para muitos, pode ser o tesouro do artista.

É entre armários, objetos eletrônicos, arquivos, lembranças monocromáticas tonalizadas com azul e recordações de infância, que se revela o trabalho artístico de Everton David. Ele nos faz imergir não apenas na história de si mesmo, como, quem sabe, nos encaminhar para reviver um pouco das nossas próprias memórias. Entre estudos de cores, linhas que reconstróem jogos eletrônicos, fotografias de arquivo aquareladas, documentos que recontam o passado, é possível encontrar aquela busca constante em cada um de nós.

Everton David não é necessariamente do tipo saudosista, mas sabe que saudade dá o tom de suas obras. É do tipo que busca no passado as respostas mais complexas e simples sobre si mesmo. É do tipo que tenta resolver em suas peças suas questões mal resolvidas. É do tipo que tenta exorcizar no seu trabalho as marcas do seu corpo e da sua alma.

Esta sua psegunda exposição individual surge como processo de maturação de uma poética amparada em si mesmo, autobiográfica, como tem sido sua obra até agora. Sentimentalismo de infância é a tônica da vez, mas filtrado com um olhar do Everton de hoje, que volta-se para si para entender sua relação com o mundo.

Figura 39 - Texto de curadoria | Agda Aquino



Figura 40 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito



Figura 41 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito



Figura 43 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito

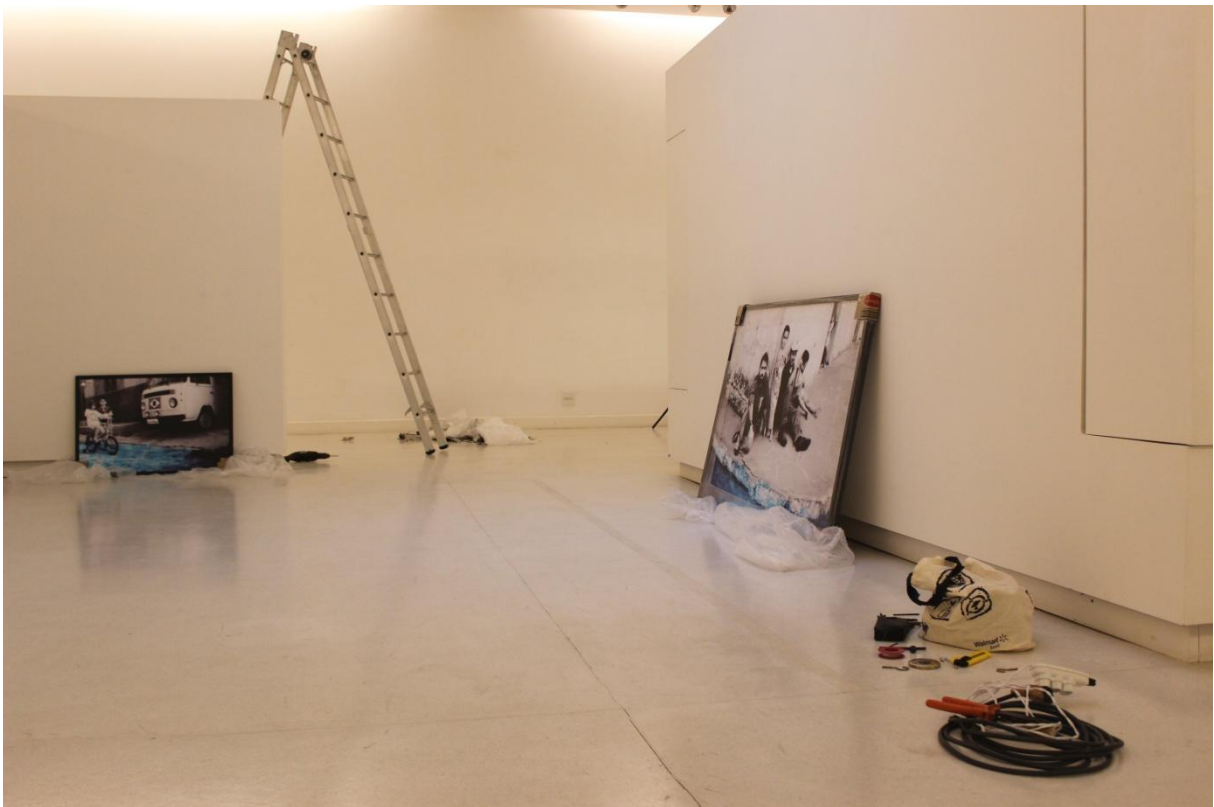


Figura 42 - Montagem da exposição | Foto Rayane Brito

APÊNDICES



souzaeverton2010@gmail.com
www.facebook.com/evertondaviid
 (83) 9938 -6541 ou (83)8640-8019



FICHA TÉCNICA

ANTONIO GUEDES RANGEL JUNIOR Reitor
 FRANCISCO PEREIRA DA SILVA JÚNIOR Pró-Reitor de Cultura
 ANGELO RAFAEL BEZERRA DE FARIAS Diretor do MAC
 AGDA AQUINO Curadora
 JOÃO PAULO DUARTE Assessorias de Direção
 TACIANA ADOBBATTI
 ADOLFF UCHOA
 REALLAN DELON Logística e Montagem
 SILVANDRO ESTEVÃO
 WASHINGTON MORAES
 TÉRCIO CARVALHO Comunicação e Marketing
 CLARISSA SANTOS
 ELISSAMA BARRETO Projeto Gráfico
 IVAN ANDREY Registro fotográfico
 RAYANE BRITO

EVERTON DAVID • O QUE PERMANECE COMIGO

MUSEU ASSIS CHATEAUBRIAND - MAC
 DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA



Natural de Arara no agreste paraibano vive atualmente na cidade de Campina Grande. É graduando em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atua com projetos em artes visuais e realiza experiências em produções audiovisuais. Seu trabalho desenvolve-se na poética da memória e dos sentimentos buscando sempre investigar de que forma as experiências vividas relacionam-se no cotidiano. Desvendando os efeitos místicos e dinâmicos que essas afetações de sentimentos exercem sobre sua personalidade ou daqueles que o cercam. Seus últimos trabalhos foram expostos nas mostras coletivas Festival Mundo 2012 (João Pessoa – PB), OverDoze 2012, 2013 Sesc-PB (Campina Grande – PB), Salão de Artes Visuais do Sesc-PB 2013, 2014 (João Pessoa, Campina Grande e Guarabira - PB), Coletiva Exposec Conexões 2014 (Campina Grande - PB, João Pessoa - PB e Guarabira - PB), Festival de Artes de Areia 2013 (Areia – PB) e Projeto Novíssimos 2013 “FIC Augusto dos Anjos” (João Pessoa – PB). E nas mostras individuais *Cores e 'sin cores' em (des)perfeita simetria* 2014 (São Paulo - SP) e *Borrão de sangue e coisas ruins* 2014 (Campina Grande - PB).

Realização   Apoio   

O que permanece comigo • Everton David
 Curadoria • Agda Aquino
 Novembro e dezembro de 2014

Capa: Memórias aguadas #1=2014= Aquarela digitalizada sobre fotografia, impressão Hahnemühle= 90 x 135 cm
 Dedicado este trabalho a Deus, minha família, amigos e todos que apoiaram para que tudo pudesse acontecer.

MAC • Museu Assis Chateaubriand • UEPB • <http://museu.uepb.edu.br/mac/>
 Rua João Lélis, 581 • Catolé • Campina Grande/PB • CEP: 58410-140
 Horário de abertura: de segunda à sexta das 13h e 30 min às 18h e 30 min
 Tel: (83) 3337 3637 • Entrada gratuita

Figura 44 - Folder da exposição, detalhe externo | Arte Elissama Barreto e Everton David

AG-DA AQUINO
CURADORA

Quando o passado vem à tona e ganha formas, cores e objetos, ele se materializa no presente: é uma forma de revivermos o ontem no hoje. Somos não apenas o que a estrada da vida construiu para nós, mas principalmente aquilo que optamos por lembrar e esquecer. O processo de mergulhar nas próprias lembranças, caminho tortuoso para muitos, pode ser o tesouro do artista.

É entre armários, objetos eletrônicos, arquivos, lembranças monocromáticas tonalizadas com azul e recordações de infância, que se revela o trabalho artístico de Everton David. Ele nos faz imergir não apenas na história de si mesmo, como, quem sabe, nos encaminhar para reviver um pouco das nossas próprias memórias. Entre estudos de cores, linhas que reconstróem jogos eletrônicos, fotografias de arquivo aquareladas, documentos que recontam o passado, é possível encontrar aquela busca constante em cada um de nós.

Everton David não é necessariamente do tipo saudosista, mas sabe que saudade dá o tom de suas obras. É do tipo que busca no passado as respostas mais complexas e simples sobre si mesmo. É do tipo que tenta resolver em suas peças suas questões mal resolvidas. É do tipo que tenta exorcizar no seu trabalho as marcas do seu corpo e da sua alma.

Esta sua segunda exposição individual surge como processo de maturação de uma poética amparada em si mesmo, autobiográfica, como tem sido sua obra até agora. Sentimentalismo de infância é a tônica da vez, mas filtrado com um olhar do Everton de hoje, que volta-se para si para entender sua relação com o mundo.



Pokebola #01 • 2014 • Pintura com guache e recortes em papel canson + miniaturas de brinquedo • 23 x 23 cm



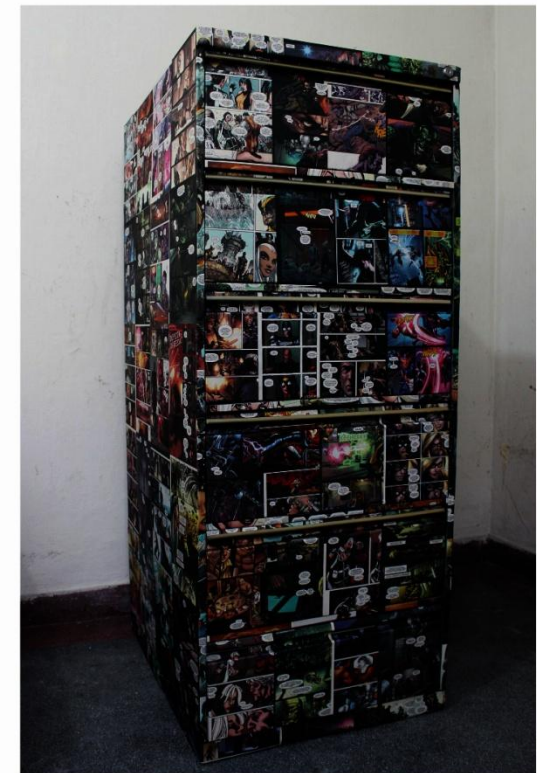
Pokebola #03 • 2014 • Pintura com guache e recortes em papel canson + miniaturas de brinquedo • 23 x 23 cm



Tetris • 2014 • Desenho com grafite e giz de cera sobre papel canson • 40 x 30 cm



TV em "quadlinhos" • 2014 • Objeto, colagem de revista em quadrinhos sobre TV anos 90 • 34 x 38 x 38 cm



Arquivador de emoções • 2014 • Instalação/assemblage, colagem de revistas em quadrinhos em arquivo, pertences pessoais dentro das gavetas fragrância de lavanda • 135 x 55 x 67 cm

Figura 45 - Folder da exposição, detalhe interno | Arte Elissama Barreto e Everton David



Foto: Rayane Brito

O QUE PERMANECE COMIGO
EVERTON DAVID

Abertura da exposição e defesa do TCC
 27 de Novembro às 16hrs.
 Curadoria - Agda Aquino



Segunda à Sexta das 13h30min às 19h (entrada até às 18:30h)
 Rua João Lélis, 581, Catolé, Campina Grande - PB
 Tel. (83) 3337-3637 ou <http://museu.uepb.edu.br/mac/>

Figura 46 - Flyer de divulgação | Arte Elissama Barreto e Everton David

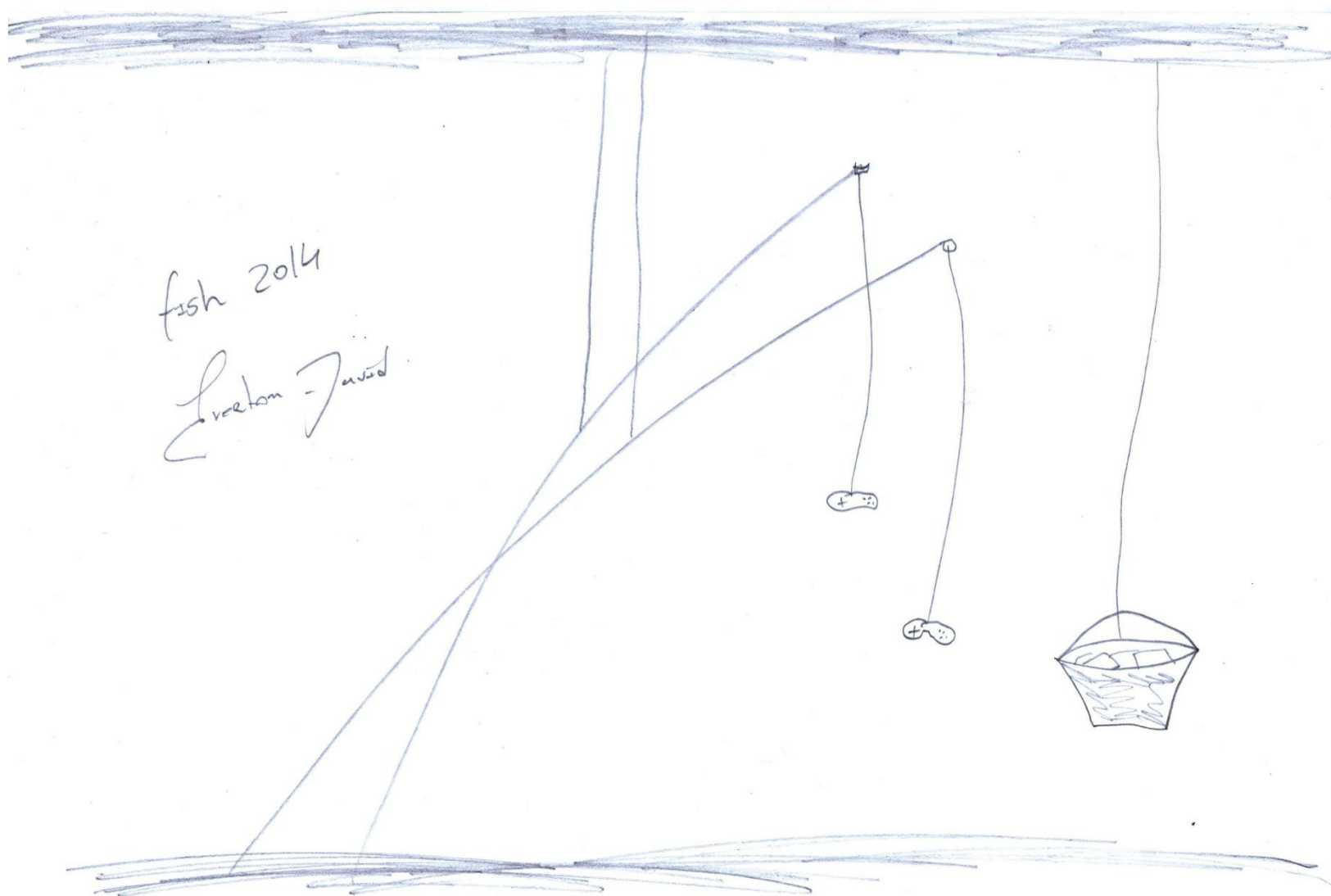


Figura 47 - Croqui da obra Fish